



Filosofia:

- Idealismo
- Realismo
- Metafísica
- Representação

História:

- Burguesia
- Liberalismo
- Modernidade
- Revolução Francesa
- Revolução Industrial
- Iluminismo
- Razão
- Classe Média
- Contradição
- Técnica
- Ciência

5. Principais etapas e estratégias para trabalho interdisciplinar sugerido (descrição do trabalho):

**Filosofia**

Num primeiro momento, o professor de filosofia passa o vídeo, sem qualquer preparação prévia, para os alunos; deixa-se que eles formulem suas impressões iniciais sobre o material. O vídeo e as impressões dos alunos são o ponto de partida; o trabalho começa, na filosofia, por um questionamento do conteúdo do vídeo.

A partir do texto de Schopenhauer (Metafísica do amor. Metafísica da morte) o professor corrige a visão distorcida que o vídeo apresenta sobre a concepção de amor de Schopenhauer. Ora, o vídeo indica que é a biologia que determina, no fundo, nossas escolhas amorosas; no entanto, pela leitura do texto, é fácil perceber que elas são comandadas por uma instância metafísica, a Vontade, essência do mundo – a espécie, no fundo, é essa Vontade que se objetiva (tornando-se representação), uma *idéia* (no sentido platônico do termo). Ou seja, isso que verificamos na biologia (e que está no plano da representação) assim ocorre porque justamente segue aquilo que é posto no plano da Vontade, o que a metafísica vai explicar. Desse modo, para Schopenhauer, o que é ideal (e que está no plano da representação – por exemplo, a biologia) explica-se a partir do que é real (a Vontade, impulso cego, sem finalidade, *irracional*, totalmente distinta da representação). Dizer que no amor o que opera é a conservação da espécie, tem para Schopenhauer um sentido *metafísico* (o biológico segue o metafísico), na medida em que o que se conserva, no fundo, é um modo pelo qual a Vontade se objetiva (no plano da representação) no mundo (o mundo, para Schopenhauer, é Vontade e

representação), modo este que, justamente, é a *idéia* ou *espécie* (a Vontade é uma atividade *em geral*, e como tal, nunca se torna objeto no plano da representação; a *idéia* é uma objetivação (uma representação) imediata de um modo de ação *especial* desta Vontade - por exemplo, todos os homens são constituídos pelo ato da Vontade que se objetiva na *espécie humana*). O indivíduo desta espécie (um homem, por exemplo) está inserido no espaço e no tempo (e justamente por isso é indivíduo, objetivação *mediata* da Vontade): a *idéia*, eterna, imutável (a *espécie humana*, por exemplo, que se manifesta neste indivíduo), está fora do tempo e do espaço e, por isso, é uma representação que *quase* (a coincidência total é impossível!) se confunde com a Vontade (que também está fora do tempo e do espaço), sendo assim uma objetivação imediata da Vontade.

Para que estas noções fiquem mais claras ao professor, indicamos a leitura do livro de Schopenhauer (Schopenhauer, *Metafísica do amor. Metafísica da morte*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.), particularmente da introdução e do trecho sobre a metafísica do amor. O professor pode trabalhar com os alunos, na edição indicada, o trecho que vai da pág. 22, que se inicia com “ O fato de que haja” até a pág. 37, que termina com “inesgotável ocasião de retorno.”, e a partir daí localizar os conceitos sugeridos: idealismo, realismo, metafísica e representação. O professor pode, se quiser, rever novamente o vídeo com os alunos.

Com isso, mostra-se ao aluno como o pensamento de Schopenhauer, inserido no interior do século XIX, trabalha com uma polaridade (real/ideal) que, guardadas as diferenças, pode ser percebida na literatura e na história. Ou seja, paralelamente à discussão sobre Schopenhauer, ocorre o trabalho destas duas disciplinas.

### **Língua Portuguesa**

O vídeo *Schopenhauer e o amor* pode contribuir para a realização de estudos relativos aos estilos literários romântico e realista, ambos frutos de uma sociedade conturbada por desagregações espirituais e pelo desejo de consolidar valores. O século XVIII foi o período no qual a concepção de “ser romântico” adquiriu contornos mais significativos. Mas somente no século XIX é que o Romantismo se constitui como escola literária com características bem definidas, claramente contrárias ao racionalismo da era clássica. Em termos de Brasil, essa é a época em que o país começa a refletir sobre si mesmo. Preocupa-se em definir o caráter do povo brasileiro e buscar em suas raízes o valor de uma nação, sua identidade nacional. Dentre nossos autores românticos, José de Alencar (1829-1877) se destaca como criador de uma literatura nacionalista onde se evidencia uma maneira de sentir e pensar tipicamente brasileiras. Muitas das páginas de seus

romances relatam mitos, lendas, tradições, festas religiosas, usos e costumes observados pessoalmente por ele, com o intuito de, cada vez mais, "abrasileirar" seus textos.

Mas o Romantismo não atravessou o século sem opositores à sua visão egocêntrica e sonhadora. O cientificismo de Darwin, o positivismo de Comte e o determinismo de Taine, aliados às idéias de reformas políticas e de revolução social, parecem exigir dos intelectuais uma abordagem mais profunda e completa do ser humano. É o momento em que surge uma nova concepção do homem em um novo estilo literário que antagoniza com o Romantismo: o Realismo.

Apesar de se opor ao idealismo romântico, em sua essência o Realismo também perseguiu a verdade sobre o ser humano – só que agora sob nova ótica: não o “eu” individual, mas o “eu” fruto de uma realidade adversa e manipuladora do ser humano, em que o coloca como receptáculo do coletivo, seja este o meio ambiente, seja o determinante biológico.

### ***Cinco minutos e O Cortiço*: duas obras que se excluem ou se complementam?**

Em *O Cortiço*, vemos um painel daquilo que se procurou salientar no Realismo. Os nomes dos personagens não dizem grande coisa, já que vivem em um ambiente que os determina a ser como são. Afirma-se, nos meios acadêmicos, que o protagonista dessa história é o cortiço, mesmo porque é o ser coletivo que está em jogo e os seres humanos só expressam sentimentos criados pela situação: João Romão só fica com Bertoleza até o momento que lhe convém – depois que enriquece e vê que pode ascender socialmente, não quer mais a ligação amorosa com uma escrava; Jerônimo passa a desprezar a esposa após sentir violento desejo sexual por Rita Baiana, sendo este desejo o grande detonador da paixão por Rita. Ou seja, o ambiente e o instinto animal prevalecem sobre o caráter individual. Animais, também, são os comportamentos dos moradores do cortiço: “No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas.” (...) Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas, fazendo compras.” (Azevedo, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo. Editora Moderna, 1984, p. 38-39).

Bem diferente é o sentimento despertado no narrador de *Cinco Minutos* por sua futura esposa Carlota. Nem a conhece e já a ama no momento em que ouve, de seus lábios, a frase da ópera de Verdi: “Non ti scordar di me!”. Antes da frase que, simbolicamente, solidifica um sentimento iniciado por um leve contato físico e

um odor de perfume feminino, o “eu” do protagonista já revela ao leitor que aquele é um homem digno, merecedor de um grande Amor e infinita felicidade ao lado do ser amado. Não é exagero – ou, antes, é um exagero justificado pela determinação do sentimento: é o amor romântico, que não vê obstáculos para sua concretização.

Subjetivismo em excesso *versus* objetivismo acima de tudo: sob um contexto de grandes descobertas e novas concepções filosóficas, Romantismo e Realismo se confrontam e se (con)fundem como dois irmãos inimigos em busca do ouro perdido.

## **História**

Arthur Schopenhauer, filósofo alemão que viveu entre 1788 e 1860, pode ser analisado como **uma das personagens representativas de um mundo que então passava por transformações radicais**. A economia, a política, o comportamento social, a visão de mundo, nada seria como antes.

Parafrazeando Karl Marx, que em 1848 publicou *O Manifesto do Partido Comunista*, tudo que era sólido desmanchava no ar. As revoluções políticas, a industrialização, o racionalismo iluminista, as multidões urbanas antes nunca vistas no mundo ocidental, colocavam o indivíduo diante de uma nova realidade que ao mesmo tempo seduzia e amedrontava.

A revolução industrial, amparada pela expansão do capitalismo e pelas idéias liberais, impulsionava o desenvolvimento técnico e transformava a ciência em novo paradigma de verdade, gerando otimismo e confiança quanto ao futuro.

Os discursos triunfalistas pareciam dar o tom, principalmente entre as classes beneficiadas pela nova ordem: a burguesia e a classe média.

No entanto, **essa nova realidade que se impunha, criava novos problemas e contradições**.

A crítica e o pessimismo quanto à modernidade, criada a partir de uma combinação de economia de mercado, a valorização do indivíduo e o desenvolvimento técnico-científico, não tardaram a surgir.

De família burguesa, o que lhe permitiu o conforto de não necessitar trabalhar e poder passar a vida entre seus estudos e escritos, de certa forma Schopenhauer fez parte daquele grupo citado por Antonio Ozaí Silva em *A força da tradição no mundo ao avesso* (excerto anexado à ficha), que desde o início questionava o caminho aparentemente iluminado pela razão que daria sustentação para o progresso e para a felicidade.

**O trabalho interdisciplinar sobre Schopenhauer pode transformar-se em um excelente estudo de caso sobre os conflitos e a complexidade das idéias, das mentalidades e das visões de mundo que o nascimento da modernidade**

propiciou. Os alunos terão oportunidade de fugir da visão linear que se tem da história ao confrontarem a literatura de José de Alencar e sua concepção de amor tipicamente romântica, a filosofia sobre o amor de Schopenhauer ( inclusive discutindo a releitura simplificada que um documentário atual faz sobre o filósofo e sua obra ) e o contexto histórico do século XIX.

Para esse trabalho é recomendável que os alunos já tenham estudado e tenham uma visão de conjunto das principais transformações e características do período das revoluções, ou seja, século XVIII e início do século XIX, tanto em história geral como em história do Brasil.

### **Conclusão da etapa inicial**

Frente a essas idéias que os professores das três disciplinas podem debater com os alunos, a próxima etapa seria ler, por completo, *Cinco Minutos*. Língua Portuguesa, então, coloca-se como o “carro-chefe” da atividade. O professor desta disciplina deverá dividir a classe em grupos (cinco alunos é um bom número), e solicitar a eles que reescrevam *Cinco Minutos* em forma de peça teatral, mas agora sob a ótica de Schopenhauer: como ele escreveria esse texto em vista de sua teoria do amor? Feitas as reescritas, o professor deve selecionar as melhores peças de cada sala para encenar (um grupo por classe), fazendo um pequeno “teste” de ensaio. O grupo com a melhor encenação apresentará a peça para a escola.

### **7. Quais as etapas (lista resumida) desse trabalho?**

- A Apresentação do vídeo
- B Discussão do conteúdo.
- C Leitura dos textos de filosofia e literatura.
- D Construção do panorama histórico.
- E Análises literária/filosófica/histórica de *Cinco minutos* e *O cortiço*.
- F A partir dessas análise, reescrita de *Cinco minutos*.
- G Socialização do trabalho através da apresentação da melhor peça para a comunidade escolar. Esta apresentação deve ter como abertura, uma explicação do trabalho desenvolvido pelos alunos assim como uma breve análise do contexto histórico, da filosofia de Schopenhauer e do conto de José de Alencar. Esta abertura não precisa ser feita necessariamente pelo grupo que vai encenar a peça, o que permite a contribuição de outros grupos na apresentação final.

### **8. Como vocês avaliariam esse trabalho?**

- a) Reescrita em forma de peça: avaliar se os alunos atendem ao gênero dramático na forma escrita; avaliar as técnicas de redação: concordância, pontuação, coesão e coerência textual, bem como regras de ortografia e acentuação.  
Filosofia e História avaliam sob o ponto de vista da coerência em relação à teoria de Schopenhauer e ao contexto histórico, respectivamente.

- b) Após avaliar a parte escrita, deve-se avaliar a encenação (o professor de Arte poderá auxiliar nesta etapa): organização geral do grupo que resultou no “teste” realizado.
- c) Selecionar o melhor em termos de apresentação no “teste”: aqui termina a avaliação do produto dos grupos eliminados. O grupo selecionado ainda estará em avaliação processual.
- d) Avaliação final (do produto do grupo selecionado): apresentação para a escola.

#### 9. Em qual ano ou anos do Ensino Médio seria melhor aplicar esse trabalho? Por que?

O trabalho pode ser feito em qualquer ano do Ensino Médio. Sugere-se que seja realizado no segundo semestre para o caso de serem 1ª séries. É um projeto que deve levar um mês para avaliar os melhores grupos, e mais um mês para o grupo selecionado ensaiar para apresentações na escola.

#### 10. Sugestões de leituras e consultas:

##### a. Livros e periódicos:

1. Schopenhauer, Metafísica do amor. Metafísica da morte. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
  2. HOBBSAWM, Eric. A Era das Revoluções: 1789-1848. Paz e Terra. 1982
  3. HOBBSAWM, Eric. A Era do Capital: 1848-1875. Paz e Terra. 1982
  4. BERMAN, Marshall. Tudo que é Sólido desmancha no ar. Companhia das Letras. 1989
  5. GAY, Peter. O Século de Shnitler: A formação da cultura da classe média, 1815-1914. Companhia das Letras. 2002
  6. GAY, Peter. A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud. Vol.2. A Paixão Terna. Companhia das Letras. 2002
  7. SILVA, Antonio Ozaí. A força da tradição no mundo ao avesso. In Revista Espaço Acadêmico. Nº 35, abril 2004. disponível também no site: [www.espacoacademico.com.br/035/35epol.htm](http://www.espacoacademico.com.br/035/35epol.htm)
  8. História da Vida Privada. Vol. 4. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Org. PERROT Michelle. Companhia das Letras, 1995.
  9. História da Vida Privada no Brasil. Vol. 2. Império: a Corte e a Modernidade Nacional. Org. ALENCASTRO, Luiz Felipe. Companhia das Letras, 1995.
- [Páginas da Rede \(internet\)](#) que podem ser consultadas pelos professores e estudantes para complementar esse trabalho. (quando houver).

[www.portrasdasletras.com.br](http://www.portrasdasletras.com.br)

[www.artesbr.hpg.ig.com.br](http://www.artesbr.hpg.ig.com.br)

**Comentários sobre a bibliografia em História:** Os dois primeiros volumes da obra de Hobsbawm ( que compreende 4 volumes, de 1789 ao final do século

XX ) permitem ao professor criar um cenário bastante abrangente sobre o período. Recomendo especialmente a introdução de ambos os volumes; do primeiro volume os capítulos 13 e 15; do segundo volume os capítulos 13 e 14. A introdução do livro de M. Berman discute o conceito de modernidade relacionando-a ao advento da sociedade capitalista, conceito essencial para que os alunos comecem a entender as origens do mundo atual no qual vivem. Embora, para o trabalho com os alunos, tenha retirado um excerto do livro *A Paixão Terna* de Peter Gay, onde ele analisa Schopenhauer dentro de uma perspectiva psicanalítica/ histórica para conhecer o comportamento e a mentalidade da nova classe média que emerge das revoluções e se fortalece ao longo do século XIX, *O Século de Schnitzler* é, para o professor, uma ótima e cativante análise do comportamento e da mentalidade da chamada sociedade vitoriana do século XIX até início da Grande Guerra. Os livros *História da vida Privada* ( vol.4 ) e *História da Vida Privada no Brasil* (vol 2) permitem aprofundar a compreensão sobre o comportamento dos diversos grupos sociais que interagem, constroem e ao mesmo tempo são construídos pela nova sociedade que surge no século XIX em um jogo de transformações e permanências que é a essência da compreensão do processo histórico, longe da linearidade que a linha do tempo, herdada dos estudiosos do século XVII, faz supor.

## **Materiais anexados para trabalhar com os alunos em história:**

### **1. A força da tradição no mundo ao avesso**

*“Toute hiérarchie sociale et toute ordre établi se volatilisent, tout ce qui est sacré est profané et les hommes sont enfin contraints de considérer d’un oeil froid leur position dans la vie, leurs relations mutuelles”.* (**Marx & Engels**, 1998:77)

“É preciso ver o homem moderno com suas múltiplas ocupações, vivendo lá fora, devorado pela necessidade de conservar sua fortuna e aumentá-la, a inteligência tomada por problemas sempre renovados, a carne adormecida pela fadiga de sua batalha cotidiana, ele próprio transformado em pura engrenagem na gigantesca máquina social em plena atividade”. (**Zola**, 1999: 11)



A *modernidade* anunciou o triunfo da *Razão*. Ela representou a possibilidade de construção de um mundo *novo*, de costas para o passado medieval, contra os valores morais e teológicos predominantes na Idade Média. Em seu lugar, impôs a racionalização do processo de produção, a impessoalidade nas relações, a dominação das

elites que buscaram moldar o mundo ao seu pensamento, através da conquista de novos mercados, pela organização do comércio, a produção fabril e a colonização.

O triunfo da *Razão*, idéia essencial da modernidade, representou a substituição de Deus pela Ciência: as crenças religiosas foram relegadas à vida privada. A *Razão fez tábula rasa* da tradição secularmente fundada no predomínio das idéias e dos valores cristãos-medievais que submetiam o destino dos homens e, também, das formas de organizações sociais e políticas fundadas na crença e no domínio dos costumes.

“Tudo que é sólido desmancha no ar”: eis a síntese da modernidade. No lugar da segurança, da coesão social fundada na moral cristã-medieval, dos espaços territoriais bem definidos, de uma compreensão estática e perene do tempo, a força dos sentimentos e dos vínculos pessoais etc., a modernidade impõe a insegurança das incertezas, a crise dos parâmetros, a desarmonia. Como escreveu Berman (1986:15), o homem moderno vive sob o “redemoinho de permanente mudança e renovação, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia”.

Contudo, a modernidade apresentou-se como uma *utopia positiva* que parecia dar novo alento à humanidade. Acoplada à idéia de *ordem e progresso*, infundiu a ilusão de que os homens finalmente caminhavam em direção à felicidade e à liberdade. Não por acaso, cunhou-se o termo *iluminismo*. Os *filósofos das luzes* iluminam as trevas da medievalidade; e confiam exclusivamente na Razão.

Esta percepção positiva da modernidade não está isenta de crítica. No seio do próprio iluminismo, Rousseau apontou os limites do progresso e da ciência e observou o quanto vivemos sob as aparências, numa sociedade essencialmente hipócrita e corrompida:

**“Que cortejo de vícios não acompanham essa incerteza! Não mais amizades sinceras e estima real, não mais confiança cimentada. As suspeitas, os receios, os medos, a frieza, a reserva, o ódio, a traição, esconder-se-ão todo o tempo sob esse véu uniforme e pérfido da polidez, sob essa urbanidade tão exaltada que devemos às luzes de nosso século”. (Rousseau, 1978: 336)**

(...)

SILVA. Antonio Ozaí. Revista Espaço Acadêmico. Nº 35, abril 2004.  
[www.espacoacademico.com.br/035/35epol.htm](http://www.espacoacademico.com.br/035/35epol.htm)

## 2. Schopenhauer e o amor

(...)

“E os franceses também não estavam sozinhos na grande busca da essência e do significado do amor promovida ao longo do século XIX. Os alemães, especialmente, desenvolveram uma metafísica do amor que o considerava parte constitutiva da natureza humana, atribuindo-lhe a condição de combustível da

vida. Os românticos alemães já haviam transformado o amor em um emblema, uma expressão, possivelmente no próprio cerne da religião. Nas mãos de espíritos mais seculares, essa percepção biológica e psicológica do amor transformou-se na marca distintiva de toda uma escola de pensamento. Seu mestre e profeta era Arthur Schopenhauer.

Por mais abstratos ou aparentemente racionais que fossem seus sistemas, ao formularem suas teorias, os filósofos do amor levavam inevitavelmente em consideração sua própria história erótica. (...) Schopenhauer não foi uma exceção. É apenas sua vasta influência, a qual levou muito tempo para amadurecer mas, depois de estabelecida, foi irresistível, que permite ao historiador considerar suas idéias representativas da experiência cultural do século XIX. O que torna ainda mais inescapável os laços entre a vida particular de Schopenhauer e sua filosofia publicada foi o fato de seu pensamento ter sido, pos assim dizer, um negativo fotográfico de sua vida, suprimindo o que faltava a ela. Schopenhauer, o pessimista mais famoso do século XIX, tinha, a seu modo excêntrico, um amor exuberante pela vida. Pregava a apatia oriental, mas se comprazia em satisfazer seu gosto pela arte, pela música, pelo teatro e por todas as boas coisas que seu dinheiro podia comprar; proclamava a indiferença filosófica em meio a ataques de ansiedade que não conseguia controlar; e, o que é mais significativo para nós, era um misógino sem peias e muitas vezes brutal que apreciava as mulheres e procurava aventuras sexuais. Como ocorria com tanta freqüência em seu século, também no caso de Schopenhauer suas necessidades pessoais divergiam marcadamente de sua conduta pública, não por hipocrisia, mas por que se sentia compelido a encontrar um modo de submeter seus impulsos imperiosos.

(...)

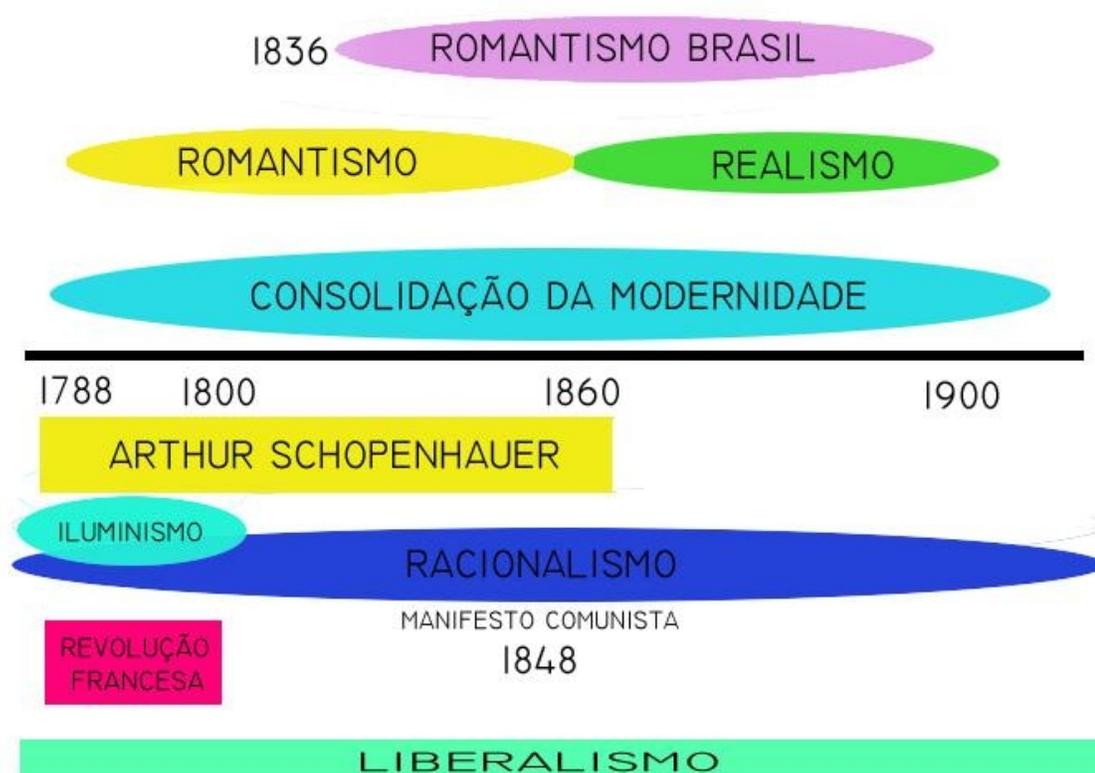
Mas seu tema favorito, a atração sexual fatídica, não é de modo algum um privilégio de sua imaginação exuberante. (...) Não pretendia nem de longe ser o primeiro pensador a levar a sério esse tipo de amor. Ao contrário: cita Platão, Spinoza, Rousseau e Kant, mas só para ridicularizá-los. Os escritos deles sobre o amor eram desinformados, superficiais, ingênuos e geralmente errados. “ Por isso, não preciso nem usar meus antecessores, nem refutá-los.” Ainda assim, suas próprias idéias, prevê, não serão populares; especialmente os indivíduos governados pela paixão amorosa e costumados a pintá-la da maneira “mais sublime e etérea” hão de achar “minha visão física demais, material demais, embora ela seja, no fundo, metafísica, até mesmo transcendental”.

Schopenhauer estava certo ao considerar suas idéias sobre o amor sexual radicais, mas errou ao prever que seriam impopulares. Durante as décadas de silêncio, o público, educado ou leigo, ignorou-as, da mesma forma que ignorava tudo que ele havia escrito. Porém, assim que Schopenhauer entrou na moda, na década de 1850, suas idéias sobre o amor reuniram uma quantidade considerável de adeptos entusiasmados. (...) De fato, em muitas passagens, de modo muito semelhante ao de Freud décadas mais tarde, Schopenhauer combina economicamente esses dois impulsos, o amor pela vida e o amor pelo amor, em um só; considera que o ímpeto sexual é o recurso criado pela natureza para assegurar a renovação da espécie humana. (... ) Mas a natureza sábia, que

implantou esse impulso irresistível nos homens e nas mulheres, não atenta para o indivíduo nem para o presente; só contempla a coletividade e o futuro. O ato sexual, acrescenta Schopenhauer, clara e consistentemente, é a maneira como a vontade se afirma.”

GAY, Peter. A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: A Paixão Terna. p. 74-78. Companhia das Letras. 1990.

### 3. Linha do tempo



4. **Páginas da Rede (internet)** que podem ser consultadas pelos professores e estudantes para complementar esse trabalho. (quando houver).

[www.portrasdasletras.com.br](http://www.portrasdasletras.com.br)  
[www.artesbr.hpg.ig.com.br](http://www.artesbr.hpg.ig.com.br)